

# MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal

Setúbal, 2010

3

# MUSA

**museus, arqueologia & outros patrimónios**

**Volume 3  
Setúbal 2010**

**FIDS & MAEDS  
Autarquias do Distrito de Setúbal**

# Ficha Técnica

## *Edição*

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS) e Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)

## *Direcção*

Joaquim Martins Gonçalves (Presidente da Assembleia Distrital de Setúbal)

## *Coordenação Editorial*

Joaquina Soares

## *Conselho Científico*

António Nabais  
Carlos Marques da Silva  
Carlos Tavares da Silva  
João Luís Cardoso  
Mário Canova Moutinho  
Mário Varela Gomes  
Victor S. Gonçalves  
Vitor Serrão

## *Conselho Redactorial*

Antónia Coelho-Soares  
Amélia Pardal  
Clara dos Santos  
Fernanda do Vale  
Germesindo Silva  
Graça Filipe  
Isabel Vicente  
Luís Ferreira  
Miguel Correia  
Rosa Bela Azevedo  
Rosário Gil  
Teresa Rosendo

## *Secretariado e correspondência*



Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal  
Av. Luísa Todi, 162; 2900-451 Setúbal (Portugal)  
Telefs - (351) 265239365/265534029; Fax - (351) 265527678  
Email - maeds@mail.telepac.pt

© - Direitos reservados pelos autores e MAEDS. Interditada a reprodução de imagens.

## *Capa*

Moinho de Maré do Cais (Montijo). Foto da Câmara Municipal de Montijo.

## *Contracapa*

Estela-menir II da Anta Grande do Zambujeiro, fotos de arquivo do MAEDS; placa de xisto gravada da Anta Grande do Zambujeiro, esc. 1:1, foto de Manuel Ribeiro.

## *Execução gráfica*

Ana Paula Covas

## *Tratamento de imagens*

Ana Castela

## *Impressão e acabamento*

## *Depósito legal n.º*

## *ISSN*

1646-0553

## *Tiragem*

1400 exemplares

# Índice

<b>Museus</b>	<b>7</b>
Joaquina Soares <i>Museologia de escala regional. Breve reflexão a partir das rotinas do MAEDS</i>	9
Cíntia Mendes <i>Plano das Memórias do Concelho de Alcochete</i>	21
Carmen Carvalho <i>O Museu Mineiro do Lousal. Mina de Ciência - Centro Ciência Viva</i>	27
Maria Clara Santos <i>O moinho de maré de Alhos Vedros e a exposição temporária “O Ciclo do Pão”</i>	34
Micaela Casaca Sécio <i>O Moinho de maré do Cais. Experiência de uma musealização in situ</i>	43
Francisco Borba <i>O Museu de Setúbal e o seu fundador, João Botelho Moniz Borba</i>	49
<b>Arqueologia</b>	<b>63</b>
Françoise Mayet <i>Robert Etienne (1921 - 2009)</i>	65
Joaquina Soares <i>Dólmen da Pedra Branca. Datas radiométricas</i>	70
Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva <i>Anta Grande do Zambujeiro - arquitectura e poder. Intervenção arqueológica do MAEDS, 1985-87</i>	83
Michelle Teixeira dos Santos <i>Alguns materiais inéditos do Moinho da Fonte do Sol das colecções de arqueologia do Museu Municipal de Palmela</i>	130
Mário Varela Gomes <i>Estela epigrafada, da I Idade do Ferro, da Cerca do Curralão (Almodôvar, Beja)</i>	137
Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares, Licínia Nunes Correia Wrench <i>Os primeiros mosaicos romanos descobertos em Caetobriga</i>	149
Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares, Antónia Coelho-Soares, Susana Duarte, Ricardo Miguel Godinho <i>Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua Augusto Flamengo, n.ºs. 10-12</i>	165
<b>Outros Patrimónios</b>	<b>179</b>
Carlos Beloto <i>Onde e como estão os mosaicos romanos em Portugal? Um olhar do lado da conservação</i>	181
Francisco Rasteiro, Soraia Matos, Marisa Loureiro, João Santos <i>Sistema do Frade</i>	197
Rosalina Carmona <i>Barreiros e Barreiro. Considerações em torno de um topónimo</i>	207
António Camarão <i>Alburrica - Mexilhoeiro. Um conjunto patrimonial</i>	215
Alexandre Arménio Tojal <i>Platibandas: funcionalidade e estética na arquitectura doméstica oitocentista da Aldeia Galega / Montijo</i>	221
Adelina Gomes Domingues <i>As artes de pesca em Sesimbra</i>	229
Ana Alcântara <i>A indústria conserveira e a evolução urbana de Setúbal (1854-1914)</i>	237
Carmen Carvalho e Purificação Pereira <i>Os lagares de azeite na vila de Grândola</i>	247
Carlos Mouro e Horácio Pena <i>Um colecionador de utilidades: António Casimiro Arronches Junqueiro (1868-1940)</i>	257
Gentil José Cesário <i>1755 - O terramoto de todos os santos em Santiago do Cacém</i>	279

# A Indústria conserveira e a evolução urbana de Setúbal (1854 – 1914)\*

ANA ALCANTARA\*\*

## RESUMO

Neste artigo procurou-se fazer um retrato de Setúbal, na segunda metade do século XIX e transição para o século XX (1854-1914), através do estudo da evolução da indústria conserveira e do crescimento urbano da cidade.

Usando metodologia própria da Arqueologia Industrial, fez-se a comparação de cartografia da época, permitindo identificar áreas e momentos de grande crescimento urbano. Inventariaram-se as fábricas de conserva fundadas durante este período, o que possibilitou a análise das transformações e permanências ocorridas nestas estruturas que marcam definitivamente a paisagem urbana.

Até há relativamente pouco tempo, as cidades eram olhadas pela Arqueologia como o “estrato” sob o qual se encontrava o objecto da sua investigação e do seu desejo – tinha-se a sua História como algo que terminava no século XVIII. A Arqueologia Industrial veio alterar esta ordem de ideias ao permitir, através da sua metodologia, a recolha de informações que não estão contempladas em documentos escritos ou na memória. “*O documento [que um monumento industrial] constitui é tão importante quanto muitos dos que a Torre do Tombo guarda, em idêntica raridade. E não deve ser a sua proximidade no tempo que lhe tirará valor pois os tempos correm depressa, e 80 ou 50 anos é já passado remoto, ainda se dele não ficarem vestígios que nos forneçam a indispensável informação*” (Nabais, 1999, p.181). Consideramos, portanto, essencial estudar os vestígios da cultura material das sociedades contemporâneas e, através deles, chegar à cultura intelectual e simbólica, com o mesmo empenho e sistematização científica com que investigamos formas de cultura há muito desaparecidas.

## ABSTRACT

The main objective of this paper is to present a portrait of Setubal at the second half of the nineteenth century and transition to the twentieth century (1854-1914) through the study of the evolution of canning industry and city's growth.

Using the methodology of Industrial Archaeology, maps of that period were compared allowing the identification of areas and moments of great urban growth. All factories established during that period were inventoried, which made possible the analysis of the changes and permanence occurred in these structures.

Apesar do longo caminho que a Arqueologia Industrial tem conquistado nos últimos trinta anos em Portugal, é urgente proceder-se a uma inventariação e análise sistemática do património industrial existente. Só assim se poderá garantir a salvaguarda de aspectos históricos, arquitectónicos, técnicos e artísticos que, por se encontrarem em zonas maioritariamente urbanas, correm o risco de desaparecer. A cidade de Setúbal é um destes casos, onde a Arqueologia Industrial assume importância incontornável para o conhecimento da evolução desta cidade na transição do século XIX para o século XX.

Pretende-se, com este artigo, contribuir para a caracterização da implantação e desenvolvimento da indústria conserveira em Setúbal entre 1854 e 1914. Para tal considerámos que a investigação se deveria concentrar em dois vectores: análise da relação entre a introdução da indústria conserveira moderna e as modificações registadas no tecido urbano de Setúbal; inventário de fábricas de conservas de sardinha, fundadas nesta cidade durante este período.

\* O artigo resulta da investigação desenvolvida pela autora no âmbito do Relatório Final do Curso de História variante Arqueologia, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – UNL.

\*\* Investigadora no Instituto de História Contemporânea (FCSH-UNL).

A historiografia portuguesa aponta a data de 1865 como o ano da instalação da primeira unidade de produção de conservas de sardinha pelo método de esterilização em Portugal (Barbosa, 1941; Barro, 1938; Cordeiro, 1989; Duarte, 2003; Faria, 1950; Justino, 1989-1998; Rodrigues e Mendes, 1999), em Vila Real de Santo António. O advento desta indústria em Setúbal é, pelos mesmos autores, apontado como tendo acontecido por iniciativa de industriais franceses, no ano de 1880. No entanto, alguns estudos dedicados à História da indústria conserveira setubalense (Alho e Mouro, 1988; *A Indústria conserveira em Setúbal*, 1996) depararam-se com documentos que apontavam para o ano de 1854, como a data de fundação da primeira destas fábricas em Setúbal.

Confirmámos formalmente este dado historiográfico no *Catálogo dos Productos da Agricultura e Indústria Portuguesa Mandados à Exposição Universal de Paris em 1855* (p.23) e na “Lista de recompensas concedidas aos expositores que concorreram à exposição universal de Paris” (*Boletim do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria*, nº11, p.276). No *Catálogo dos productos da (...) Exposição Universal de Paris* encontramos a referência ao “*producto nº 1181 – sardinhas em conserva de azeite, de Setúbal, distrito de Lisboa, expositor Feliciano António Rocha*” (p.23). Podemos afirmar que, em Portugal, a indústria de conservas de peixe, pelo método da esterilização, foi introduzida em Setúbal, no ano de 1854, por iniciativa de Manuel José Neto e Feliciano António da Rocha – a primeira fábrica do nosso inventário.

O enfoque cronológico escolhido possibilita uma investigação sistemática no momento histórico que enforma uma viragem definitiva – que é técnica, social e cultural – da sociedade setubalense. Sendo que 1854 foi o ano de fundação da primeira fábrica de conserva e 1914, o ano do início da Iª Guerra Mundial, que significou para a indústria conserveira portuguesa um grande “boom” de produção – em resposta à grande procura provocada pela guerra de 1914-1918 – o que se traduziu na multiplicação do número de fábricas em Setúbal e, logo, na entrada numa lógica de produção em larguíssima escala.

Setúbal desenvolveu-se ao longo da margem Norte do rio Sado. As ruas principais – Av. Luísa Todi, antiga Rua da Praia, e Av. 5 de Outubro, antiga Rua da Conceição – dispõem-se paralelas ao litoral, sendo atravessadas por ruas mais estreitas que definem os quarteirões da cidade. “*Um aglomerado de pequenos núcleos primitivamente separados: no*

*centro a urbe principal, cercada pela primitiva cerca, onde residia a burguesia mais abastada; a Oeste, Troino, residência de pescadores; a Este, os agrupamentos de diversa origem histórica e etnográfica das Fontainhas, Palhais, Aranguês, onde habitavam pescadores artesanais vindos do norte do país, trabalhadores das salinas e dos campos, entre outras profissões*” (Quintas, 1993, p.30).

A partir da comparação cartográfica, tendo como fontes um mapa da cidade levantado em 1804 (*Planta da Praça e Villa de Setúbal*, 1820) e outro datado de 1900 (*Planta da cidade de Setúbal*, 1900), foi possível traçar as principais manchas de evolução da urbe sadina – tendo como base do estudo somente as freguesias urbanas: Santa Maria da Graça, S. Julião, S. Sebastião, Nossa Senhora da Anunciada.

À semelhança de muitas outras urbes, as tendências evolutivas de Setúbal estão intimamente relacionadas com a transferência “*de mão-de-obra, que vivia dispersa nas áreas rurais, em direcção a pontos seleccionados do território, as cidades. Esta mobilidade geográfica foi acompanhada de uma mudança na ocupação, com passagem do exercício da actividade no sector primário para o secundário*” (Salgueiro, 1992, p.343). As marcas que estas transformações foram deixando apreendem-se facilmente no modo como foi produzida a organização espacial da sociedade, produto final duma construção demorada e duradoura, mas também reflexo de uma multiplicidade de relações sociais que moldaram o espaço e com ele se transformaram.

O investimento na indústria portuguesa ao longo da segunda metade do século XIX privilegiou as zonas litorais, essencialmente as regiões próximas de Lisboa e do Porto. Por outro lado, também não se registou neste período um incremento da produtividade agrícola nem, tão pouco, uma modernização deste sector. Foram, assim, favorecidos os movimentos migratórios do interior rural em direcção ao litoral. A relação causa/efeito que existe entre a emergência do modo de produção fabril num determinado local e o crescimento desse aglomerado urbana é muito bem representado por Setúbal.

Nesta cidade a implantação e disseminação de fábricas de conserva estabeleceu um ponto de viragem em relação a um padrão de crescimento lento que a caracterizara até então. Consequentemente, também a evolução oitocentista do traçado urbano da cidade foi fortemente marcado pelas zonas de concentração das infra-estruturas fabris e habitacionais ligadas à indústria conserveira e, não

poderíamos deixar de referir, pela política de Obras Públicas fomentada por volta do ano de elevação de Setúbal a cidade (1860).

De acordo com a comparação numérica dos efectivos populacionais que podemos retirar dos censos de 1864 e 1911, as freguesias de Nossa Senhora da Anunciada e de S. Sebastião são as mais populosas<sup>1</sup> e com mais capacidade de atracção demográfica. É nestas freguesias periféricas, em relação ao centro histórico da cidade, que se instalam grande parte das fábricas. Nas freguesias do centro da cidade, Santa Maria e S. Julião, verifica-se um acréscimo muito mais modesto da população<sup>2</sup> que, embora seja atraída por um conjunto de actividades geradoras de emprego que Setúbal oferecia (comércio, serviços, etc...), não se podia instalar nestas zonas sem área possível de crescimento geográfico – por estarem rodeadas pelas freguesias periféricas em expansão.

O crescimento da cidade, no seu todo, é marcado pelo transpor da linha de muralhas, edificada em meados do século XVII, que abraçava as quatro freguesias urbanas que aqui analisamos. As linhas de expansão territorial correspondem, grosso modo, às zonas de implantação das fábricas de conservas (freguesias da Anunciada – na extremo ocidental da cidade – e de S. Sebastião – extremo oriental), ao caminho de ligação entre o centro da cidade e a Estação de Caminhos-de-Ferro – zona que vai sendo progressivamente ocupada por casas e palacetes da burguesia comercial e industrial – e à marginal – construída sobre as praias que anteriormente existiam em todo o comprimento da cidade – ganha ao rio, onde surge a Avenida Luísa Todi.

Através do estudo do crescimento urbano, evidenciado pela comparação cartográfica e pela datação das infra-estruturas, edifícios e espaços urbanos que surgiram em Setúbal ao longo da segunda metade do século XIX, observámos que o desenvolvimento da cidade verificado neste período

pode ser dividido em três momentos.

Num primeiro período, compreendido entre as décadas de 50 e 60, surge o Campo do Bonfim. Após o terramoto de 1858, que afectou substancialmente a zona ribeirinha, acontece o maior esforço urbanizador e transformador que vai marcar definitivamente a cidade. Entre 1858 e 1860 processam-se as obras da conquista da faixa ribeirinha à praia que vão resultar na construção da Avenida Luísa Todi, que se vai transformar na principal avenida da cidade, plataforma de acesso a várias novas infra-estruturas: a Doca dos Pescadores, o Passeio do Lago – o passeio público do centro da cidade –, o Mercado do Livramento – que veio substituir o mercado ao ar livre que acontecia no Largo das couves (parte da actual Praça do Bocage) – e o Teatro D. Amélia.

Numa segunda fase, o crescimento urbano é marcadamente fomentado pelo desenvolvimento industrial. É entre as décadas de 60 e 90<sup>3</sup> que se dá o primeiro grande impulso de fixação fabril em Setúbal. A construção da maior parte das unidades fabris nos extremos ocidental e oriental da cidade resulta num alargamento dos limites de urbanização. Outro fenómeno que muito vai contribuir para o alargamento dos limites da cidade, mas em direcção a Norte, é a chegada, em 1860, do caminho-de-ferro e a abertura da via de acesso entre o centro da cidade (Rua da Conceição) e a Estação do Caminho-de-Ferro – Rua Nova de São João.

A terceira mancha de evolução, na última década do século XIX<sup>4</sup>, caracteriza-se pelo crescimento a Nordeste com a edificação do Bairro Batista o primeiro bairro operário da cidade – e da Praça de Touros (1898). É também neste período que surge a construção das primeiras casas do Bairro Salgado – na Rua Nova de São João, que liga a Estação do Caminho-de-Ferro ao centro.

As populações migrantes, que se deslocaram para trabalharem nas fábricas ou no mar, fixaram-

---

1 - Em 1864 e 1911 a freguesia de Nossa Senhora da Anunciada contava com 4466 e 9701 habitantes, respectivamente, e a freguesia de S. Sebastião com 3638 e 9549 habitantes (*População. Censo no 1º de Janeiro de 1864, 1864; Censo da população de Portugal, no 1º de Dezembro de 1911, 1913*).

2 - Entre 1864 e 1911 a freguesia de Santa Maria vê os seus efectivos populacionais passarem de 1621 para 2394 habitantes. A freguesia de S. Julião conhece um crescimento populacional, mais significativo, de 3409 para 8702 habitantes, no mesmo período de tempo (*Recenseamento da população do Reino de Portugal, no 1º de Dezembro de 1900, 1905; Censo da população de Portugal, no 1º de Dezembro de 1911, 1913*).

3 - Durante este período a população residente nas quatro freguesias urbanas da cidade passou de 13134 habitantes (1864) para 17581 (1890) (*População. Censo no 1º de Janeiro de 1864, 1864; Censo da população do Reino de Portugal, no 1º de Dezembro de 1890, 1896*).

4 - No recenseamento de 1890 contaram-se 17581 habitantes na cidade de Setúbal, sendo este número aumentado para 21222 no censo de 1900 (*Censo da população do Reino de Portugal, no 1º de Dezembro de 1890, 1896; Censo da população do Reino de Portugal, no 1º de Dezembro de 1900, 1905*).



Fig. 1 - Fábrica *Société Parisienne*, fundada em 1886 por Firmin Julien (*Ilustração Portuguesa*, 11 de Julho de 1910, p.57).

-se preferencialmente nas freguesias periféricas de Nossa Senhora da Anunciada e de S. Sebastião, enquanto que a nova burguesia comercial e industrial instalou-se (e/ou manteve-se) inicialmente nas freguesias do centro da cidade, S. Julião e S<sup>a</sup> Maria. Com a grande aglomeração de moradores nos bairros das freguesias periféricas, estas populações vão, progressivamente, ao longo do final do século XIX e início do século XX, deslocando-se para o centro da cidade. Este movimento vai provocar, ou potenciar, a deslocação das classes mais abastadas para o novo Bairro Salgado.



Fig. 2 - Fabrica Alegria, na Praia da Saboaria (*Ilustração Portuguesa*, 11 de Julho de 1910, p.60).

A tendência para a concentração “*de volumes crescentes de proletários atraídos pelo trabalho industrial*” (Salgueiro, 1992, p.191) nas zonas antigas das cidades e para a conseqüente deslocação das famílias de classe mais abastada para zonas recém-constituídas afastadas do centro percorre a maior parte das cidades que vêm crescer os seus efectivos populacionais neste período. “*A explicação mais simples é [dada] pela tendência dos trabalhadores para morarem próximo do local de trabalho, ou [...] pela maior valorização dada ao factor transporte pelas classes mais baixas, face à maior valorização do factor espaço nas mais altas*” (Salgueiro, 1992, p.198).

A comparação cartográfica revela que a indústria conserveira se tornou, ao longo da segunda metade do século XIX e grande parte do século XX, o principal factor de crescimento demográfico e urbano desta cidade, a condicionante do desenvolvimento ou decadência económica e financeira e, mais que tudo, o “*centro dominador de todas as manifestações sociais*” (Quintas, 1993, p.257), culturais e políticas da população setubalense.

A indústria conserveira setubalense, desde o seu surgimento até 1914, manteve um ritmo de crescimento, mesmo vivendo períodos cíclicos de crise e de fomento. Apesar deste movimento industrializador ter sido um dos factores primordiais de mudança no tecido urbano, social e cultural da cidade, na transição entre o século XIX e XX, nunca foi efectuado um levantamento das estruturas fabris. Este inventário pretende ser um primeiro passo para colmatar essa lacuna.

Com base num levantamento das firmas empresariais registradas nos arquivos notariais de Setúbal<sup>5</sup>, na consulta de jornais da época e em pesquisas relativas a outras fontes sempre citadas ao longo do inventário – procurámos construir um inventário, o mais exaustivo possível, das fábricas fundadas na cidade de Setúbal ao longo deste período. Privilegiámos, tendo em conta os objectivos da presente investigação, os dados relativos às datas de fundação e dissolução, à identificação de proprietários e à localização.

5 - As informações referentes às fábricas cuja referência se situa no Arquivo Distrital de Setúbal, Fundos Notariais de Setúbal, que citaremos por: \*A.D.S., F.N.Set., nº pasta/nº livro, fôlio, foram trabalhadas a partir do levantamento das Sociedades Industriais Setubalenses, feito por Carlos Mouro. Agradecemos, desde já, o contributo deste investigador, ao ceder para consulta este exaustivo arquivo, fundamental para a constituição deste inventário. Nos restantes casos, é indicada a referência bibliográfica ou arquivo de onde foram retiradas as informações.



As informações recolhidas permitem-nos dividir este período em duas etapas. As fábricas que surgem entre 1854 e 1880 aparecem num ritmo muito mais lento, são em muito menor número (6), que as fundadas na etapa seguinte (79), e pertencem a um ou dois proprietários; as da fase seguinte (1880-1914) são construídas ou alugadas por sociedades formadas por um grande número de indivíduos.

Existem, porém, características que se mantêm inalteráveis ao longo da época analisada. Grande parte das sociedades que exploram as fábricas fazem-no durante curtos períodos, sendo que algumas estruturas laboraram durante muito tempo, mudando frequentemente de donos, como foi o caso da fábrica Fragoso. Nesta regra há exceções: fábricas que se mantiveram em funcionamento durante largas décadas sob a alçada dos mesmos industriais – temos como exemplos as fábricas Costa & Carvalho e Saupiquet.

Nem sempre as informações, que nos permitiram a elaboração deste inventário, surgiram nas fontes com o detalhe e a precisão que desejaríamos, nomeadamente no que toca à localização e sabemos que muitas das pequenas fábricas que funcionaram em Setúbal, durante esta época, não possuíam licenciamento algum. Assim, queremos salvaguardar que algumas fábricas que considerámos como *diversas* poderão ter sido uma só estrutura, funcionando em períodos distintos sob uma diferente denominação, e que, provavelmente, muitas outras terão existido sem que disso reste qualquer informação documental.

A transição para o século XX deixou em Setúbal a marca indelével da industrialização – esta cidade deixou de depender exclusivamente de uma economia rural e piscatória e transformou-se num centro fabril de grande importância. A proximidade da matéria-prima, a existência de portos marítimos, de comunidades piscatórias fortemente implementadas, o saber-fazer e a tradição secular da salga e da fabricação de preparados de peixe tornaram Setúbal, a par de algumas localidades costeiras algarvias, numa zona privilegiada para a instalação de unidades conserveiras. Foi, realmente, nesta cidade que se instalou a primeira fábrica de produção de conserva de sardinha pelo método da esterilização, em Portugal, corria o ano de 1854.

Entre 1854 e 1914 são plantadas as sementes que prefiguram o grande desenvolvimento que esta indústria irá ter nesta cidade, que chegará a ser o maior centro produtor de conservas do país. As es-



Fig. 3 - Interior de fábrica não identificada. Operárias a enlatarem sardinhas (*Ilustração Portuguesa*, 11 de Julho de 1910, p.58).

truturas fabris vão-se instalar ao longo da zona ribeirinha da cidade, concentrando-se, na sua maioria, nos extremos ocidental (Rua da Praia – actual Av. Luísa Todi–, Estrada da Rasca, Cais dos Pescadores, etc.) e oriental (Fontainhas, Pedra Furada, etc.). Neste período, o crescimento industrial e urbano de Setúbal caracteriza-se, essencialmente, por assentar na indústria conserveira. Esta cidade torna-se um centro de proliferação de pequenas e médias unidades fabris, muito dependentes da valorização imediata do seu produto, que ao menor sinal de recessão podiam desaparecer. Este facto é evidenciado no inventário das fábricas, onde se observa uma significativa quantidade de unidades fabris que laboram durante curtos espaços de tempo.

Embora o surgimento deste centro mono-industrial se deva ao pioneirismo de industriais locais, é de assinalar que o grande salto no sentido do desenvolvimento técnico foi protagonizado por industriais franceses, aquando da sua fixação em Setúbal, em 1880.



Fig. 4 - Interior de fábrica não identificada. No lado direito, a secagem da sardinha nas grelhas e no esquerdo, o “cofre” de fritura (*Ilustração Portuguesa*, 11 de Julho de 1910, p.60).

## Fábricas de conservas de sardinha fundadas entre 1854 e 1914<sup>1</sup>

Fundação/ /Dissolução	Nome da fábrica	Proprietário (s)	Localização	Observações
1854 / 1854		Manuel José Neto e Feliciano Ant <sup>o</sup> Rocha	R. Postigo da Pedra, nº3 a 5b	Neste local está hoje o Hotel Esperança. *A.D.S., Fundo Almeida Carvallho, pasta 18
1855 / 1879 (mudança de instalações)		Manuel José Neto	R. da Praia, nº5 (actual Av. Luísa Todi), esquina com a Trav. das Lobas	*A.D.S., Fundo Almeida Carvallho, pasta 18
1855 / 1876		Feliciano Ant <sup>o</sup> Rocha	Esquina da R. da Praia com o lado poente do Lg. da Anunciada (actual Pr. Teófilo Braga)	*A.D.S., Fundo Almeida Carvallho, pasta 18
1860 / 1865		Gustavo Carlos Herlitz (1860-1863); Gustavo Carlos Herlitz, António M <sup>a</sup> Jales, José M <sup>a</sup> Lápido e João Seginando de Freitas Júnior (1863-1865)	Ld. de S. Sebastião, esquina com a Pr. de S. Bernardo (actual Pr. do Quebedo)	*A.D.S., Fundo Almeida Carvallho, pasta 18. *A.D.S., F.N.Set., 84/392, fl.74 -75v <sup>2</sup>
1861 / ?		João Augusto Andorinha e Francisco Ant <sup>o</sup> dos Reis		*A.D.S., F.N.Set., 83/381, fl.32v -33
1879 (resultado da mudança de instalações) / ?		Manuel José Neto	Ld. de S. Sebastião, nº32	*A.D.S., F.N.Set., 98/533, fl.35v -37
1880/ 1920	Société Anonyme Établissements F. Delory	Lorient F. Delory	R. dos Trabalhadores do Mar	* Faria, 1950, p.6
1882 / 1888		Paninho & Neves	R. da Praia, 43-a e 23-b	*A.D.S., F.N.Set., 99/543, fl.19v -21v
1882 / 1898	Cunha	Soc. Cunha & C <sup>a</sup> (1882-1884); Firmin Julien (1884-1890); Perseverança Portuguesa (1890-1895); Firmin Julien (1895-1898)	R. da Praia, 434 – 438	*A.D.S., F.N.Set., 98/536, fl.99v -100v *A.D.S., F.N.Set., 107/640, fl.7v -9v *A.D.S., F.N.Set., 110/688, fl.25 -27v
1883 / ? (referência em 1912)		Marques Câncio & C <sup>a</sup>	R. Oriental do Mercado	Marcas do fabricante: Hortenses, Jean Nantes, J.M. Cancio, Mionne, Besly *Boletim da Associação Comercial e Industrial de Setúbal, nº8, Agosto 1912
1884 / 1885		Fragoso & Sá	Praia da Doca	*A.D.S., F.N.Set., 101/566, fl.2v -3v; 102/583, fl.19v,20v
1884 / 1888		Carvalho & C <sup>a</sup>	R. da Praia, nº5 (actual Av. Luísa Todi), esquina com a Trav. das Lobas	*A.D.S., F.N.Set., 101/567, fl.31 -33
1885 / 1886		Batista & Moinhos	R. dos Marmelinhos	*A.D.S., F.N.Set., 103/591, fl.15v -17
1886 / ? (referência em 1910)	Société Parisienne	Firmin Julien	R. da Praia, 434 – 438	* Ilustração Portuguesa, 11 de Julho de 1910, p.57
1886 / ?		Fragoso, Forte & C <sup>a</sup> (1886-1890); Perseverança Portuguesa (1890-?)		*A.D.S., F.N.Set., 102/585, fl.19 -19v *A.D.S., F.N.Set., 1076538, fl.6v -9v
1886 / 1898		Manuel José de Mendonça	Praia da Saboaria	*A.D.S., F.N.Set., 103/589, fl.48v -50
1887 / 1888		Pinto, Cardim & C <sup>a</sup>	Estrada das Areias com a Praia e Páteo das Fontainhas	*A.D.S., F.N.Set., 104/597, fl.38v -40v
1887 / 1901?		Wencesllais Chancerelle (1887-1895); Pierre Chancerelle (1895-1901?)	Saboaria	*A.D.S., F.N.Set., 110/692, fl.5 -7
1887 / 1920 (ainda funcionava)		Costa & Carvalho (1887-1889); José Cândido Fernandes da Costa (1889-?)	Doca dos Pescadores	*A.D.S., F.N.Set., 104/603, fl.26v -28v
1888 / 1910	Aurora	Parceria Marcantil Aurora (1888-1890); Perseverança Portuguesa (1890-1900); Alves & Fragoso (1900-1910)	Baluarde do Livramento	*A.D.S., F.N.Set., 104/604, fl.44 -50; 104/603, fl. 6v-8v *A.D.S., F.N.Set., 106/636, fl.32v -34v
1888 / 1897		Moinhos & sobrinho	Doca dos Pescadores	*A.D.S., F.N.Set., 105/609, fl.32 -34

1 - Atendendo à não existência de um arquivo ou registo onde figurem todas as fábricas de conserva de Setúbal, o presente inventário é o resultado de uma pesquisa que se desenvolveu em várias frentes. Surge da análise e confronto das informações contidas em diferentes fontes manuscritas e bibliográficas localizadas em diferentes instituições e arquivos. Só apresentamos aqui os dados de que temos grandes certezas de corresponderem à realidade.

2 - As informações referentes às fábricas cuja referência se situa no Arquivo Distrital de Setúbal, Fundos Notariais de Setúbal, que citaremos por: A.D.S., F.N.Set., nº pasta/nº livro, fólio, foram trabalhadas a partir do levantamento das Sociedades Industriais Setubalenses, feito por Carlos Mouro e situ no seu arquivo pessoal.

Todas as outras terão indicadas as fontes.

1890 / 1924 (ainda funcionava)	Fragoso	José Joaquim Fragoso (1884-1890); Perseverança Portuguesa (1890-1894); Ferdinand Garrec & C <sup>a</sup> (1894-1897); Leon Delpet & C <sup>a</sup> (sediada em Lisboa) (1897-1902); ??? (1902-1924)	Doca dos Pescadores	*A.D.S., F.N.Set., 101/566, fl.2v-3v *A.D.S., F.N.Set., 111/704, fl.49-50v *A.D.S., F.N.Set., 113/722, fl.36-40v * Relação dos objectos existentes na Fábrica Fragoso, documento avulso situ no A.D.S., F.N.Set.
1890 / ? (referência em 1903)		Companhia Perseverança Portuguesa		Companhia fundada para fomentar “o desenvolvimento da pesca e aperfeiçoamento da conserva de sardinha” ( <i>O Distrito</i> , nº 653, 10 de Junho de 1894, p.2). Adquiriu armações e galeões de pesca, para além de inúmeras fábricas (em. 1894 contava com 23 fábricas). *A.D.S., F.N.Set., 106/636, fl.6v e sgs *A.D.S., F.N.Set., 123/827, fl.30v-33
1891 / 1965	Société Arsène Saupiquet	Arsène Saupiquet	Esquina da R. da Saúde com a Estrada da Rasca	* Arquivo Saupiquet – Delory, situ no Museu do Trabalho – Michel Giacometti
1891 / 1901		Costa Ferreira & C <sup>a</sup>	Lg. da Saboaria	*A.D.S., F.N.Set., 107/647, fl.31v-32v
1891 / 1906		Agostinho das Chagas & C <sup>a</sup>		*A.D.S., F.N.Set., 107/650, fl.4-5
1892 / 1894		Morais & C <sup>a</sup>	Lg. da Saboaria	*A.D.S., F.N.Set., 108/661, fl.17v-18v; 108/661, fl.20-21v; 109/677, fl.3-4
1892 / 1912		Santarém, Ramos & C <sup>a</sup>	Praia da Saboaria com a Trv. dos Pescadores	*A.D.S., F.N.Set., 108/657, fl.26v-28
1892 / 1913		Francisco Neto de Carvalho & C <sup>a</sup>	R. da Praia	*A.D.S., F.N.Set., 108/660, fl.43-45
1893 / 1898	União	Cardoso & C <sup>a</sup> (1893-?); Roberto da Anunciação e José Casimiro de Sant’Ana (?-1898)	Praia da Saboaria	*A.D.S., F.N.Set., 108/666, fl.2v-4
1893 / 1904		Carvalho & C <sup>a</sup> (1893-1896); Anacleto Neto de Carvalho (1896-1901); Correia & Costa (1901-1904)	R. da Praia, nº 400-410, Beco das Lobas, nº 1-3, Trav. das Lobas, nº 1-11	*A.D.S., F.N.Set., 108/665, fl.19v-21 *A.D.S., F.N.Set., 120/795, fl.1-3v
1893 / 1920	Glória	Sousa, Salvado & C <sup>a</sup> (1893-1896); José Alves de Andrade Piteira (1896-1913); Ferreira, Santos & C <sup>a</sup> (1913-1920)	Praia da Saboaria	*A.D.S., F.N.Set., 109/671, fl.2v-5 *A.D.S., F.N.Set., 111/700, fl.43v-44v *A.D.S., F.N.Set., 141/988, fl.3v-5v; 168/1221, fl.77-79
1893 / 1912		Alves & Fragoso	Praia da Saboaria	*A.D.S., F.N.Set., 108/669, fl.2-4; 139/966, fl. 41-42
1894 / 1904		Dandicole & Gaudin	Av. Luisa Todí, nº 410-414 (com frente para a R. Alves da Fonseca)	Empresa com sede em Bordeús. *A.D.S., F.N.Set., 120/794, fl.27-28v; 125/846, fl.48-50
1894 / 1920	União e Constância	Ferreira Mariz & C <sup>a</sup>	Praia de Saboaria, Estrada da Rasca e Alto da Brasileira	*A.D.S., F.N.Set., 110/693, fl.39-41
1896 / 1905	Sado	Cais & Esteves (1896-1902); Eduardo Fernando Barbosa (1902-1905)	Estrada da Rasca	*A.D.S., F.N.Set., 111/700, fl.20v-23; 123/827, fl.43v-45
1896 / 1897	Capricho	Nunes, Costa, Vale & C <sup>a</sup> (1896); Rocha, Nunes e C <sup>a</sup> (1896-1897)	Ladeira de S. Sebastião, nº 34 e R. Parreira, nº 41-49	*A.D.S., F.N.Set., 111/700, fl.33v-35v; 112/707, fl.1-1v *A.D.S., F.N.Set., 112/704, fl.1v-4
? (há uma referência em 1897) / 1915	Alegria	João José Salgado, sucessores (?-1903); Ferreira Mariz & C <sup>a</sup> (1903-1915)	Praia da Saboaria com a Trav. dos Galeões	* <i>O Elmano</i> , 5 de Maio de 1897, p.1 *A.D.S., F.N.Set., 116/762, fl.24v-26v *A.D.S., F.N.Set., 124/836, fl.41v-44v
? (há uma referência em 1897)		António Ascensão e Cardoso & C <sup>a</sup>	Praia das Fontainhas, nº 24-26	* <i>O Elmano</i> , 22 de Maio de 1897, p.1
1898 / 1909		José Casemiro Sant’Ana	Estrada da Rasca	*A.D.S., F.N.Set., 129/874, fl.49v-50v
1899 / 1918	Progresso	João José Salgado, sucessores (1899-1902); E. Esquiró, père et fils (1902-1904); João José Salgado, sucessores (1904-1913); Viúva Macieira e filhos (1913-1918)	Baluarte do Livramento	*A.D.S., F.N.Set., 116/762, fl.24v-26v *A.D.S., F.N.Set., 122/822, fl.26-29 *A.D.S., F.N.Set., 126/856, fl.3-5-38 *A.D.S., F.N.Set., 140/981, fl.30-31v
1900 / 1901		Garcia & Oliveira	Entre o Cais do Carvão e a Doca dos Pescadores	*A.D.S., F.N.Set., 118/778, fl.22v-24v; 121/806, fl. 24v-26
1901 / 1916	São José	Pierre Chancerelle (1901-1907); Mariano, Lopes & C <sup>a</sup> (1907-1916)	Doca dos Pescadores	Marca do fabricante: Coirassé ( <i>Boletim da Associação Comercial e Industrial de Setúbal</i> , nº9, Setembro 1912)
1901 / 1908		Costa, Benzinhos & Ribeiro	Estrada da Rasca (entre as Fontainhas e a Vila Maria)	*A.D.S., F.N.Set., 120/800, fl.14v-16v; 132/905, fl.22v-25
1902 / 1905		Lobato & C <sup>a</sup> (1902-1903); Henrique Alves Sant’Ana (1903-1905)	R. do Mercado	*A.D.S., F.N.Set., 122/813, fl.47-48v *A.D.S., F.N.Set., 123/830, fl.5v-7v

1902 / 1918	Bela Vista	Henrique Ant <sup>o</sup> Vidal Claro	Sítio das Barrocas (à Lad. de S. Sebastião)	*A.D.S., F.N.Set., 123/824, fl.32v -34
1904 / 1909		Ant <sup>o</sup> Ascensão & C <sup>a</sup>	Av. Luisa Todi, n <sup>o</sup> 24 -26	*A.D.S., F.N.Set., 124/840, fl.34 -36; 132/912, fl.20v-21
1904 / 1906	Rainha do Sado	Branços, Miguel & Rocha	Estrada da Graça à Pedra Furada	*A.D.S., F.N.Set., 126/853, fl.45 -47; 129/884, fl.20v-21v
1904 / 1906 ? 1913 / 1918		Carvalho & C <sup>a</sup> (1904-1906); Manteigas & C <sup>a</sup>	Av. Luisa Todi, n <sup>o</sup> 404 -406	Empresa Carvalho & C <sup>a</sup> , com lojas na Av. Luisa Todi, n <sup>o</sup> 398 -406 e Trav. da s Lobas, n <sup>o</sup> 3-11. *A.D.S., F.N.Set., 126/851, fl.1 -3; 126/856, fl.24-26 *A.D.S., F.N.Set., 142/998, fl.36 -37v; 157/1132, fl.43v-47
1904 / 1911		Santos, Cunha & C <sup>a</sup>	Estrada da Graça	Marca do fabricante: Arlette ( <i>Boletim da Associação Comercial e Industrial de Setúbal</i> , n <sup>o</sup> 9, Setembro 1912) *A.D.S., F.N.Set., 126/851, fl.41v -43v; 138/958, fl.5-7
1904 / 1909		Callé & C <sup>a</sup>	Trav. do Mercado	Marca do fabricante: Alice ( <i>Boletim da Associação Comercial e Industrial de Setúbal</i> , n <sup>o</sup> 9, Setembro 1912) *A.D.S., F.N.Set., 127/859, fl.6-7v
1905 / 1909 ?		Mendanha & C <sup>a</sup>	Aterro, junto ao Cais do Carvão	Marcas do fabricante: Sporting Club, Lianne, Palmira, Minerve, Royale, Industrie, Aviateur ( <i>Boletim da Associação Comercial e Industrial de Setúbal</i> , n <sup>o</sup> 1, Janeiro 1912) *A.D.S., F.N.Set., 127/860, fl.32 -35
1905 / 1918		Mariano, Lopes & C <sup>a</sup>	Estrada da Graça	Marcas do fabricante: Les six amis, Arrabide, Les joyeuses, Les desirées, Rudolph, Rubens, Gallia ( <i>Boletim da Associação Comercial e Industrial de Setúbal</i> , n <sup>o</sup> 1, Janeiro 1912) *A.D.S., F.N.Set., 127/861, fl.8 -10v; 155/1116, fl.23v-25v
1905 / 1918		Costa & C <sup>a</sup>	Estrada da Rasca (próximo da Casa de Saúde)	Marcas do fabricante: Voyage de Suzette, Suzette, Petit Idalina, G.A. Costa, Mes delices ( <i>Boletim da Associação Comercial e Industrial de Setúbal</i> , n <sup>o</sup> 1, Janeiro 1912) *A.D.S., F.N.Set., 128/872, fl.1 -2v; 153/1101, fl.35/37
1906 / 1907		Fragata & Grilo	Estrada da Graça	*A.D.S., F.N.Set., 129/884, fl.36v -37v; 131/895, fl.7-7v
1906 / 1922		Monteiros e C <sup>a</sup>	Av. Luísa Todi	*A.D.S., F.N.Set., 130/886, fl.21 -22v
? (referência em 1906)		António Azedo & C <sup>a</sup>	Saboaria	* <i>Boletim do Trabalho Industrial</i> , n <sup>o</sup> 2, 1906
? (referência em 1906)		Viúva Luís Branco	Fontainhas	* <i>Boletim do Trabalho Industrial</i> , n <sup>o</sup> 2, 1906
? (referência em 1906)		A. Rouillet	Ponte do Carmo	* <i>Boletim do Trabalho Industrial</i> , n <sup>o</sup> 2, 1906
1907 / 1908	Arrábida	Vagueiro & C <sup>a</sup>	Praia da Saboaria	*A.D.S., F.N.Set., 131/900, fl.11 -12v; 132/910, fl.43-43v
1908 / 1913	Estrela do Norte	Domingos José da Costa	Estrada da Rasca, próximo da Pedra Furada	*A.D.S., F.N.Set., 132/905, fl.12v -15
1908 / 1919		Benzinhos & Ribeiros	Beco João Galvão, n <sup>o</sup> 2-8	1919 a fábrica é vendida e integrada na fábrica anexa: Perienes. *A.D.S., F.N.Set., 132/905, fl. 15 -17; 161/1170, fl.4v-6v
1908 / 1918	Aliança	Correia, Figueiras & C <sup>a</sup>	Estrada da Graça	*A.D.S., F.N.Set., 132/908, fl. 17 -18v; 152/1089, fl.38v-40v
1908 / ?	Luz do Sol	Figueiras e C <sup>a</sup>	Quinta da Parvoíce	*A.D.S., F.N.Set., 136/940, fl.11 -13v
1908 / 1914	A Vencedora	Fernandes, Duarte & C <sup>a</sup>	Praia da Saúde	*A.D.S., F.N.Set., 132/908, fl.40 -42; 132/910, fl.14-14v
1908 / 1910		Belmiro & Salgado	Estrada da Graça	*A.D.S., F.N.Set., 133/915, fl.37v -39
1908 / 1918 ?	Ermelinda (1908 / 1909); 15 de Outubro (1909 / 1918 ?)	Jardim & Costa (1908-1909); Mariano, Martins & C <sup>a</sup> (1909-1918?)	Cais do Carvão	*A.D.S., F.N.Set., 133/917, fl.36 -38v *A.D.S., F.N.Set., 134/929, fl.20 -23

1909 / 1910		Félix & C <sup>a</sup>	Sítio de S. Francisco	*A.D.S., F.N.Set., 135/932, fl. 16 -17
1909 / 1912	Liberta	Bruno, Artur, Raimundo & C <sup>a</sup>	Estrada da Graça, Sítio da Vila Maria	*A.D.S., F.N.Set., 134/925, fl. 33v -35
1909 / 1912 ?		Viúva Ascensão & Velhinho	Av. Luísa Todí	*A.D.S., F.N.Set., 134/925, fl.5 -6
1909 / 1971	Perienes	Matias Perienes	Beco de João Galvão	Actualmente: Museu do Trabalho – Michel Giacometti * <i>A Indústria Conserveira em Setúbal</i> , 1996, p.154
1910 / 1920		Ferreira, Souto & C <sup>a</sup> (1910-1911); Ferreira, Santos & C <sup>a</sup> (1911-1920)	Prç. do Lago	*A.D.S., F.N.Set., 135/932, fl.23 -24v; 137/955, fl.1-1v *A.D.S., F.N.Set., 137/955, fl.2-3v; 168/1221, fl.77-79
1910 / 1917	Estrela do Sul	Alves & C <sup>a</sup>	Vila Lima	*A.D.S., F.N.Set., 135/938, fl.22v -23v; 152/1074, fl.23v-24v
1911 / ?		Oliveira, Dias & C <sup>a</sup>	Estrada das Areias, às Fontainhas	*A.D.S., F.N.Set., 137/954, fl.24v -28v
1912 / 1913	Flor de Setúbal	Bernardo, Fernandes & C <sup>a</sup>	Estrada da Graça	*A.D.S., F.N.Set., 140/980, fl.37 -38; 141/986, fl.27v-28
1912 / 1917		Carlos, Bravinho & C <sup>a</sup>	Praia da Saboaria	*A.D.S., F.N.Set., 139/969, fl.41v -44v; 150/1065, fl.37-38v
1912 / 1918		Felix & C <sup>a</sup>	Sítio de S. Francisco	*A.D.S., F.N.Set., 140/981, fl.6 -7; 155/1112, fl.19-22
1912 / 1927	S. Miguel	Santarém & Palhão	Estrada da Rasca	*A.D.S., F.N.Set., 139/973, fl.19v -20
1912 / 1988	Lusitana (1912 / 1913); Regina	Costa, Cuz & C <sup>a</sup> (1912-1913); José Antunes Fragoso (1913-1988)	R. Oriental do Mercado	*A.D.S., F.N.Set., 140/984, fl.22v -26 *A.D.S., F.N.Set., 141/989, fl.36 -37v; 142/995, fl.14v-16 * <i>A Indústria Conserveira em Setúbal</i> , 1996, p.74
1913 / 1920	A Tentadora	Pronto, Branco & C <sup>a</sup>		*A.D.S., F.N.S.et., 142/998, fl.3v-6; 167/1219, fl.58-59v
1914 / 1915	O Sol	Martins, Sarmento & C <sup>a</sup>	Estrada das Areias	*A.D.S., F.N.Set., 143/1011, fl.7 -10; 144/1016, fl.22-23v
1914 / 1917	União e Progresso	Teixeira, Coelho e C <sup>a</sup>	Alto da Brasileira, bairro Alves da Silva	*A.D.S., F.N.Set., 143/1005, fl.6 -8
1914 / 1918		Viegas, Dias & C <sup>a</sup>	Praia das Fontainhas	*A.D.S., F.N.Set., 143/1006, fl.7 -8; 137/1138, fl.3-4v
1914 / 1919	A Vencedora	Fernandes, Duarte & C <sup>a</sup>	Praia da Saúde	*A.D.S., F.N.Set., 142/999, fl.3v -4v; 156/1128, fl.34v-37v
1914 / 1920		Perdigão & C <sup>a</sup>	Sítio dos Pinheirinhos	*A.D.S., F.N.Set., 143/1006, fl.32v -34; 145/1024, fl.2v-3v
1914 / 1924		José de Sousa & C <sup>a</sup>	Alto da Brasileira	*A.D.S., F.N.Set., 142/1001, fl.30v -33

Consideramos que a evolução da indústria conserveira setubalense<sup>6</sup> se processou em duas etapas, a primeira entre 1854 e 1880 e a segunda indo até 1914, data limite da nossa análise.

Durante a primeira etapa, as pequenas fábricas laboravam com reduzidos meios técnicos e humanos e produziam, muitas vezes, conservas de fruta e hortaliças – paralelamente à produção principal de conservas de peixe (fundamentalmente sardinha). No entanto, as unidades fabris vêm já reconhecido o valor das suas produções – o industrial Feliciano da Rocha ganhou uma menção honrosa e uma medalha nas Exposições Universais realizadas, respectivamente, em Paris (1855) e em Londres (1862). Nesta época, as fábricas eram em reduzido número – em 1880 inventariámos duas a

laborar – e estavam concentradas nas mãos de poucos industriais – cada uma das unidades pertenciam a um ou, no máximo, dois proprietários.

O segundo período de produção vai surgir de “*factores exteriores ao normal progresso de desenvolvimento e afirmação desta actividade industrial em Setúbal*” (Alho e Mouro, 1988, p.32) – a chegada dos industriais franceses, potenciada pela primeira grande crise da indústria conserveira bretã. As características fundamentais deste período advêm da organização da indústria: o número de fábricas cresce exponencialmente – salvo períodos de crise pontual; muitas destas unidades fabris pertencem a sociedades compostas por muitas pessoas; a capacidade produtiva e a qualidade das conservas são optimizadas pela introdução do vapor; surgem as máquinas

6 - A nossa proposta de periodização baseia-se nas *Linhas de evolução* que Alho e Mouro propuseram para as indústrias conserveiras de Setúbal entre a Antiguidade e o final da década de 20 do século XX (Alho, Mouro, 1988).

que vão alterar, definitivamente, os meios e a organização da produção e as relações sociais nas empresas.

É de salientar, no entanto, que a introdução da mecanização, no início do século XX, veio apenas contemplar algumas das fases do processo, nomeadamente as etapas de preparação das embalagens, da cozedura do peixe e da esterilização. O resto manteve-se, essencialmente, dependente da produção manual. Assim, é fácil deduzir que a fundação de uma pequena conserveira requeria investimentos reduzidos, facto que favoreceu a ascensão à condição de burguês conserveiro por parte de alguns soldados ou marítimos com espírito empreendedor e alguma sorte. Deste facto é testemunha um ditado setubalense, que pretendia retratar os empresários conserveiros – hoje usado como sátira ao “novoriquismo” – “*Quem não solda, já soldou. Quem não pesca, já pescou*”.

## BIBLIOGRAFIA

ALHO, A. A.; MOURO, C. B. (1988) - Linhas de evolução da indústria conserveira em Setúbal. *Estudos Locais. Distrito de Setúbal*: E.S.E. Setúbal / Fundação Calouste Gulbenkian.

BARBOSA, A. M. P. (1941) - *Sobre a Indústria de Conservas em Portugal*. Lisboa: Editorial Império.

BARRO, J. L. (1938) - *O Livro de Ouro das conservas portuguesas de peixe*. Lisboa: Instituto Português de Conservas de Peixe.

CORDEIRO, J. M. L. (1989) - *A indústria conserveira em Matosinhos. Exposição de Arqueologia Industrial*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos.

DUARTE, M<sup>a</sup> J. R. (2003) - *Portimão. Industriais da 1<sup>a</sup> metade do Século XX*. Lisboa: Edições Colibri.

FARIA, G. (1950) - *Setúbal e a indústria de conservas*. Setúbal: Serviços culturais da Câmara Municipal de Setúbal.

JUSTINO, D. (1989-1998) - *A formação do espaço económico nacional, Portugal 1810-1913*, 2 vols. Lisboa: Documenta Histórica/Veja.

NABAIS, A. (1999) - Conceito de Património e Arqueologia Industrial. Seus limites, problemas de conservação e musealização. *Al-Madan*, n<sup>o</sup> 8, p.177-181.

QUINTAS, M. C. (1993) - *Setúbal nos finais do século XIX*. Lisboa: Editorial Caminho.

RODRIGUES, M. F.; MENDES, J. M. A. (1999) - *História da Indústria Portuguesa. Da Idade Média aos Nossos Dias*. Mem Martins: Publicações Europa América.

SALGUEIRO, T. B. (1992) - *A cidade em Portugal. Uma geografia urbana*. Porto: Edições Afrontamento.

*A Indústria conserveira em Setúbal* (1996) org. A. Duarte, I. Vitor, F. Pereira. Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal / Museus Municipais.

## PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

- *O Distrito*, n<sup>o</sup> 653, 10 de Junho de 1894.

- *O Elmano*, 5 de Maio de 1897; 19 de Maio de 1897.

- *Ilustração Portuguesa*, 11 de Julho de 1910.

## CARTOGRAFIA

- *Planta da Praça e Villa de Setúbal*, levantada por Miximiano Jozé da Serra (1804), desenhada por Caetano Jozé Vaz Parreiras (1820) 1:2000.

- *Planta da cidade de Setúbal. Dedicada à festa de Nossa Senhora da Arrábida*, desenhada por L. Lança (1900) 1:5000.

## FONTES

- *Boletim do Trabalho Industrial*, n<sup>o</sup>2, 1906, Lisboa.

- *Boletim da Associação Comercial e Industrial de Setúbal*, n<sup>o</sup> 1, 6, 7, 8 e 9, 1912.

- *Catálogo dos Productos da Agricultura e Indústria portuguesa mandados à Exposição Universal de Paris em 1855* (1855). Lisboa: Imprensa Nacional.

- *Censo da população de Portugal, no 1<sup>o</sup> de Dezembro de 1911 (5<sup>o</sup> Recenseamento geral da população)* (1913). Lisboa: Imprensa Nacional.

- *Estatística de Portugal. População - Censo no 1<sup>o</sup> de Janeiro de 1864* (1864). Lisboa: Imprensa Nacional.

- Lista de recompensas concedidas aos expositores que concorreram à exposição universal de Paris. *Boletim do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria*, n<sup>o</sup>11, Novembro 1855. Lisboa: Imprensa Nacional.

- *Recenseamento da população do Reino de Portugal, no 1<sup>o</sup> de Dezembro de 1890* (1896). Lisboa: Imprensa Nacional.

- *Recenseamento da população do Reino de Portugal, no 1<sup>o</sup> de Dezembro de 1900* (1905). Lisboa: Imprensa Nacional.

- Arquivo Distrital de Setúbal, Fundo Almeida Carvalho (A.D.S., F.A.C.).

- Arquivo Distrital de Setúbal, Fundos Notariais de Setúbal (A.D.S., F.N.Set.).